



Uma proposta tipológica para a análise da narrativa de *perfis* da revista *piauí*

Marta R. Maia¹

Docente da Universidade Federal de Ouro Preto

Deivid C. de Oliveira²

Aluno da Universidade Federal de Ouro Preto

Resumo: Levando em consideração as incertezas e contradições próprias dos modos de se relatar as histórias de vida tanto de pessoas famosas como de pessoas anônimas, este artigo pretende mapear os *perfis* veiculados pela revista *piauí*, durante o segundo semestre de 2017, para então identificar, classificar e sistematizar as angulações tipológicas dos relatos produzidos e as temporalidades configuradas nas produções. Trabalharemos, inicialmente, com a discussão sobre as “narrativas do eu” para depois refletirmos sobre as possibilidades textuais relacionadas às angulações jornalísticas para posteriormente pensarmos a questão das temporalidades presentes nessas produções. Como procedimento metodológico, utilizaremos a Análise das narrativas em associação com a Análise de conteúdo, entendendo que ambas podem nos ajudar a compreender os modos de constituição das experiências individuais na seara social.

Palavras-chave: narrativas; *perfis*; jornalismo; revista *piauí*; temporalidades.

¹ Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Líder do Grupo de Pesquisa “Jornalismo, Narrativas e Práticas Comunicacionais” (JorNal/CNPq). Coordena os projetos de pesquisa sobre gêneros, angulações e temporalidades na produção de *perfis* nas revistas *Brasileiros*, *piauí*, *Veja* e *Época*. E-mail: marta@martamaia.pro.br.

² Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq (2017-2018) do projeto de pesquisa denominado “Gêneros, angulações e temporalidades na produção de *perfis* nas revistas *Brasileiros* e *piauí*”, estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo da UFOP, e-mail: deividolliveira2@gmail.com.

1. Introdução

É notório o crescente movimento contemporâneo que visa à produção de biografias, *perfis* e reportagens biográficas dos sujeitos em sociedade. Esse volume de produções tem levado a alguns estudos específicos em diversas áreas do conhecimento. O campo jornalístico, entretanto, ainda carece de pesquisas particulares, especialmente, empíricas, sobre esse tipo de escrita. Objetivando contribuir com esse diagnóstico, trazemos parte do resultado de uma pesquisa³ que tem o propósito de trazer à tona a maneira como as pessoas são retratadas em alguns suportes jornalísticos. No caso deste artigo, voltamo-nos especialmente para uma revista mensal e de grande reverberação social, que é a revista *piauí*.

Consideramos que as “narrativas do eu” têm ocupado um espaço cada vez maior em inúmeras publicações brasileiras, em consonância com o que Paula Sibília chama de “show do eu” (2008), cujo estudo, embora tenha como foco a formação das identidades, não deixa de problematizar os mecanismos e dispositivos que ajudam a tematizar os sujeitos e os processos de interação social.

As narrativas das histórias de vida das pessoas em nossa sociedade podem ser engendradas a partir de uma perspectiva reducionista, simplificadora ou então um pouco mais complexa. Essa última visada, apresentada por Edgar Morin (2000), oferece maneiras de se contar histórias que consideram a teia complexa que o processo interativo nos enreda. Para ele, a orientação complexa “parte de fenômenos, ao mesmo tempo, complementares, concorrentes e antagonistas, respeita as coerências diversas que se unem em dialógicas e polilógicas e, com isso, enfrenta a contradição por várias vias” (2000, p. 387).

Levando então em consideração as incertezas e contradições próprias dos modos de se relatar as histórias de vida tanto de pessoas famosas como de pessoas anônimas,

³ A pesquisa, ainda em andamento, está sistematizando as denominadas “narrativas do eu” das revistas de maior circulação e logo entrará em outra fase, trazendo as narrativas veiculadas por alguns jornais diários; nos dois casos, somente veículos brasileiros.

pretendemos mapear essas narrativas para depois identificar os modos de constituição desses textos, classificando e sistematizando as angulações tipológicas dos relatos produzidos e as temporalidades configuradas nas produções. Mas para que isso seja possível, precisamos, antes, discutir alguns conceitos que podem nos auxiliar a compreender a maneira como as trajetórias são construídas, no caso, no interior da revista *piauí*. Trabalharemos, inicialmente, com a discussão sobre as “narrativas do eu” para depois refletirmos sobre as possibilidades textuais e as angulações hegemônicas para posteriormente pensarmos a questão das temporalidades presentes nessas produções. Como procedimento metodológico, utilizaremos a Análise das narrativas em associação com a Análise de conteúdo, entendendo que ambas podem nos ajudar a compreender os modos de constituição das experiências individuais na seara social.

2. “Narrativas do eu”: *perfis* e reportagens biográficas

Como já mencionado na Introdução, percebemos uma grande frequência, no interior do campo jornalístico, de narrativas sobre histórias de vida particulares. O que nos leva para esse gesto de uma análise pautada principalmente pela forma como as narrativas são construídas, problematizando também os desafios que envolvem a narrativa sobre o outro. Partindo dos estudos de Bruno Souza Leal (2013), buscamos entender a composição das histórias articuladas pela tessitura da trama. Segundo o autor, “narrar é estabelecer um modo de compreensão do mundo, de configurar experiências e realidades, de comunicar-se com o outro” (p. 28).

Para além da dimensão textual, optamos por refletir sobre a relevância histórica/social dos *perfis*. Leonor Arfuch, em “A vida como narração” (2008) reafirma a indispensabilidade de se discutir a potência da escrita. Para ela, as biografias e autobiografias operam “simultaneamente como testemunho, arquivo, documento” (p. 118) e se enquadram tanto como “uma história individual quanto de época” (p. 118). Em face dessas discussões, entende-se que os *perfis* e as reportagens biográficas ultrapassam meros textos denominados opinativos, assumindo outros patamares no cenário jornalístico. “A percepção do caráter configurativo das narrativas, em especial

as autobiográficas e vivenciais, se articula, quase que de modo implícito, com o caráter narrativo da experiência”. (ARFUCH, 2008, p.118) As experiências individuais, ao desfrutar de outras experiências, evocam, então, a memória de um eu-coletivo.

Ainda recorrendo a Leonor Arfuch (2010), é preciso registrar que o processo de hibridização entre público e privado que ocorre nos anos 80 e 90 do século XX, traz a reflexão sobre o chamado “sujeito coletivo” - pensado como partido, povo, classe, entre outros -, que transfere seu lugar para o sujeito e a consequente expansão das subjetividades, expostas em narrativas centradas no eu e nos “microrrelatos”. Ela ainda argumenta que a democratização desses relatos contribui para o rompimento de alguns cânones, além de “confirmar as inquietudes de algumas teorias: a dissolução do coletivo, da ideia mesma de comunidade, na miríade narcisista do individual”. (p. 19)

Esse diagnóstico pode ser identificado pela ampla circulação de biografias, *perfis* e histórias de vida nos mais diversos suportes e formatos à disposição na contemporaneidade. Essas narrativas nos ajudam a pensar como os sujeitos estão situados e posicionados na sociedade, compreendendo que essa composição textual não é lisa e muito menos absoluta. Apoiando-nos em Paul Ricoeur (2010), podemos dizer que essa configuração só poderá acontecer se for acionada a “composição da intriga” que terá um papel mediador nesse processo. A partir da tríplice mimesis, considerando que a mimesis 1 tem um caráter de pré-configuração a partir daquilo que já está dado, ele vai dizer que a segunda mimesis tem uma “dimensão configurante propriamente dita, graças à qual a intriga transforma os acontecimentos em história” (2010, p. 115). E que tem no encontro com o leitor a dimensão da mimesis 3.

É nessa visada que seguimos com este trabalho, afinal é preciso “resistir à tentação de estandardizar ou de precipitar análise sobre uma pessoa – mas, o que é mais complicado, não reduzir os significados possíveis que retratamos na história” (PEREIRA JÚNIOR, 2006, p. 96).

Para que se possa dar início o processo de análise, é preciso explicitar o que se entende por perfil. De acordo com Marta R. Maia “o perfil pode ser definido como uma composição textual do sujeito a partir de determinadas angulações que traduzem as

perspectivas adotadas tanto na captação quanto na edição” (2013, p. 181). Tendo como mote essa definição, compreendemos que o formato dispõe de marcas de subjetividade específicas e trabalha sob a perspectiva da “pessoa que habita o discurso da (própria) experiência” (ARFUCH, 2008, p. 153). Por tal motivo, os *perfis* podem ser considerados como “narrativas do eu”.

Análise dos *perfis*

Com a finalidade de aprofundar nas pesquisas sobre o tema, foi realizado um levantamento de artigos que refletem a produção de *perfis* da revista *piuí*. Essa busca perpassou alguns filtros, como a data de publicação (escolhemos apenas publicações dos últimos três anos), a qualidade dos dados apresentados, a afinidade com os objetivos da pesquisa e a pertinência das discussões. Além de fazer parte do arcabouço teórico, a pré-observação exploratória validou algumas especulações, como a baixa quantidade de material disponível sobre *perfis*. No total, de 8 artigos encontrados, 5 abordavam as intersecções entre o Jornalismo e a Literatura e 4 deles foram debates sobre casos específicos. Como os materiais se destinavam a questões próprias e que não necessariamente possuíam o mesmo viés que a presente pesquisa, eles contribuíram principalmente para sinalizar o foco editorial da própria revista.

Com a primeira etapa do projeto concluída, as amostras começaram a ser coletadas. Em um primeiro momento, os *perfis* selecionados respeitavam as chancelas do próprio veículo, ou seja: buscamos as produções que faziam parte da editoria perfil. Entretanto, notou-se que o formato perfil aparecia em espaços cujas editorias não eram demarcadas e se expandia para outros produtos gêneros, como reportagens biográficas e entrevistas. Com essa alteração nos critérios de captação, as revistas passaram novamente por outras vistorias.

Como a metodologia se desenhava a medida que o objeto de pesquisa apontava novos direcionamentos, a sistematização do conteúdo passou por algumas alterações estruturais. Primeiramente, os *perfis* analisados foram divididos apenas por título, edição e autoria. Essa primeira sistematização favorecia a busca de *perfis* específicos e

organizava o *corpus* selecionado. Para compor essa descrição minuciosa dos dados, levamos em conta os critérios originais de tabulação citados acima. Porém, foram acrescentadas novas especificações, como o espaço que a revista destinava aos *perfis*, as páginas em que se localizam o material, os adjetivos e locuções adjetivas presentes na narrativa, os personagens que compõem a história, as fontes consultadas (quando elas apareciam), as temporalidades hegemônicas e as angulações tipológicas⁴.

Como uma forma de verificar o modo como os testemunhos foram codificados em textos jornalísticos, criamos uma categoria denominada personagens/fontes. O objetivo principal dessa classificação foi o de entender o processo de produção dos *perfis*. Ou seja, perceber como as narrativas mediadas pela experiência foram construídas e a partir de quais fontes de informação. Compreendendo a importância da linguagem na estruturação dos *perfis*, embora tenhamos a compreensão que a análise não deve se esgotar no texto, entendemos que o levantamento dos adjetivos e locuções adjetivas nos auxiliariam na caracterização e qualificação dos perfilados, bem como a angulação apresentada.

Ao todo, foram criadas 8 categorias inéditas para classificar os tipos de angulação⁵. São elas:

1. *Perfil sucesso*: a história é construída com base nos valores do sistema capitalista, como dinheiro, posição social, status, influência, prestígio social;
2. *Perfil cronológico*: a história de vida do perfilado surge sequencialmente; utilizado quando o autor precisa fazer alguma relação direta do passado com o presente;
3. *Perfil exaltação*: as qualidades pessoais dos personagens são sempre enfatizadas, e os aspectos positivos dos indivíduos são a todo momento reforçados;
4. *Perfil ironia*: contém certos questionamentos a respeito do jeito de ser do entrevistado, além de críticas profundas;

⁴ Categorias de análise que auxiliam numa compreensão mais sistematizada sobre o tema.

⁵ Essa classificação, ainda inédita, está em fase de elaboração.

5. *Perfil humanizado*: o texto se ampara nas questões mais subjetivas do entrevistado;
6. *Perfil circunstanciado*: são relatadas questões para além da entrevista com os sujeitos, como as circunstâncias entre o entrevistador e o entrevistado e/ou detalhes da observação do próprio jornalista;
7. *Perfil utilitário*: apresenta orientações para que os leitores sigam determinados modos de vida ou condutas pessoais;
8. *Perfil complexo*: os indivíduos são retratados de maneira mais abrangente, possibilitando outras reflexões sociais.

É válido ressaltar que a escolha de novas categorias de classificação atravessou todo o desenvolvimento da pesquisa. Braga (2013) argumenta que “as decisões tomadas sobre questões deste tipo devem ser coerentes com as visadas mais específicas da pesquisa e, ao mesmo tempo, repercutem direcionamentos sobre todos os outros processos da investigação” (p. 8). Desta forma, a depender da metodologia utilizada, altera-se a natureza da proposta. Por isso, as ferramentas de análise foram pensadas em consonância com o objeto de estudo e seus problemas. O autor pondera ainda que

os problemas metodológicos se põem também para a escolha dos observáveis, para a construção de coerência entre estes e os objetivos da pesquisa, o que envolve decisões tanto sobre o tipo de materiais e situações; como sobre o conjunto específico e concreto a ser observado (“recorte”, corpus, amostra, grupo, documentos, situações, pessoas etc.) (p.9)

Como se trata de uma revista que dá atenção ao formato *perfil*, optou-se pela análise dos seis últimos meses de 2017. Ao final da coleta, a amostragem continha 31 “narrativas do eu”, configuradas em 18 *perfis*, 11 reportagens biográficas e 2 *auto-perfis*. Tendo em vista que a pesquisa exploratória obteve grandes quantidades de dados, o tipo de análise escolhido precisava responder às especificidades do objeto e, ainda, da construção teórica. O modelo escolhido foi a análise de narrativas em articulação com a análise de conteúdo. Um passo crucial, diante de uma interpretação, é criar eixos para se observar. Ou seja, para evitar que as classificações e análise sejam extremamente subjetivas, pensou-se nos artifícios de linguagem que sustentam as

narrativas. Para efeito de análise nesse artigo em específico, procurou-se trabalhar somente com o corpus dos *perfis* publicados no período definido.

As categorias de análise descritas acima demarcam o trajeto pelo qual os *perfis* podem caminhar estruturalmente. É preciso frisar que as angulações não buscam, de forma alguma, dar conta da totalidade da vida de um sujeito (mesmo com recorte temporal definido). Quando apresentadas, operam como um procedimento que auxilia o trabalho de observação e sistematização dos perfilados, conforme se notará a seguir.

Tabela 1 - Revista *piauí* - Material Coletado em 2017

Edição/ Espaço geral	Página/ Página	Título/ Autoria	Personagens/ Fontes	Angulação tipológica	Adjetivos ou locuções adjetivas
Edição nº 130 - 11 de julho de 2017/ 12/ 76 páginas		Phyllanthus Carmenluciae/ Henrique Araújo	Rayane de Tasso Moreira Ribeiro /Cármem Lúcia	Perfil cronológico	Receosa, surpresa, feliz, não satisfeita, nervosa
Edição nº 130 - 11 de julho de 2017/ 15 e 16/ 76 páginas		4:20/ Caio Sartori	Ana Paula Jesuino/ Passageiros do trem	Perfil exaltação	Simpática, negra, média, sorriso largo e fácil, “celebridade”, jeitão despojado-porém-impositivo, <i>show woman</i> , rainha do trem
Edição nº 131 - 11 de agosto de 2017/ 13 e 14/ 64 páginas		O elo perdido/ Rafael Spuldar	Frank Bruggemann/ Gúí, Martín Misenta, Lucas Galego	Perfil cronológico	Português carregado de sotaque, baixo, magro, musculoso, tatuado e careca com uma cabeleira comprida, energia pura, voz rasgada, vida conturbada, sentimental, melancólico, mora sozinho, ar triste, nervoso, energia caótica
Edição nº 131 - 11 de agosto de 2017/ 14/ 64 páginas		O ajudante do Nobel/ Gustavo Faleiros	Jaime Nunez	Perfil cronológico	Cabelos brancos, postura ereta
Edição nº 132 - 11 de setembro de 2017/ 8/ 76 páginas		A ultra/ Fernanda Ezabella	Eloisa Testolin Rodrigues/ Marialdo Rodrigues, Lisandra Barazetti	Perfil exaltação	Pose respeitosa, quieta, olhos bem abertos, gaúcha miúda de barriga tanquinho e cabelos lisos alourados, toda bonitinha, dedicada, passada larga, sozinha, cansada, trotava torto
Edição nº 132 - 11 de setembro de 2017/ 11/ 76		Moisés e Maria/ Roberto Kaz	Maria José Candido	Perfil humanizado	Maluca, sozinha

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
FIAM-FAAM / Anhembi Morumbi – São Paulo – Novembro de 2018

páginas				
Edição nº 132 - 11 de setembro de 2017 /13/ 76 páginas	Minha asa, minha vida/ Flavio Sampaio	Bruce Campbell/ comandante	Perfil circunstanciado	Senhorzinho magrelo, calvo e sorridente, sujo, sozinho, piloto amador
Edição nº 132 - 11 de setembro de 2017/ 14/ 76 páginas	Flanelinha cinéfila/ Dafne Sampaio	Rosalia Beserra Neta	Perfil exaltação	Melhor, apressada, mais nova que a sala de cinema, apaixonada, doida
Edição nº 133 - 12 de outubro de 2017/ 7/ 88 páginas	O patriota/ Armando Antenore	José Marcelo Braga Nascimento	Perfil exaltação	Próspero advogado, modos cavalheirescos
Edição nº 133 - 12 de outubro de 2017/ 9/ 88 páginas	Clássicos Pop/ Rafael Moro Martins	Rodrigo Tadeu Gonçalves, Guilherme Gontijo Flores/ aluno	Perfil cronológico	Barbichinha rala, voz contida, sucesso
Edição nº 133 - 12 de outubro de 2017/ 9 e 10/ 88 páginas	O pregoeiro/ Bruna Tiussu	Kofi Frimpong	Perfil exaltação	Indiferente ao sono alheio, bom cristão, tom ríspido, pele negra, dentes brancos e separados
Edição nº 133 - 12 de outubro de 2017/ 11 e 12/ 88 páginas	O operário/ Ricardo Lessa	Jesus Paredes Soto/ Pedro Antônio Mira Grancieri, Paulo Evaristo Arns	Perfil cronológico	Demente, voz baixa, empenhado, voz calma e gestos contidos, antigo mecânico, orgulhoso,
Edição nº 133 - 12 de outubro de 2017/ 12/ 88 páginas	Mayara e Marjorie/ Tiago Coelho	Mayara Soares, Marjorie Soares/ Emma Otta	Perfil exaltação	Cabelos longos ondulados nas pontas, idênticas, contrariadas
Edição nº 134 - 12 de novembro de 2017/ 15 e 16/ 84 páginas	Cinco malas e um desejo/ Daniel Lisboa	Dirceu Dal’Bosco, Aline Villa/ Wladimir Lorentz	Perfil utilitário	Pequeno cidadão americano
Edição nº 135 - 12 de dezembro de 2017/ 11/ 64 páginas	A locutora/ Bernardo Esteves	Isabelly Moraes/ José Augusto Toscano	Perfil exaltação	Concentrada, grito longo e agudo, grito seguro, linhagem rara de mulheres, torcedora ativa, bonita

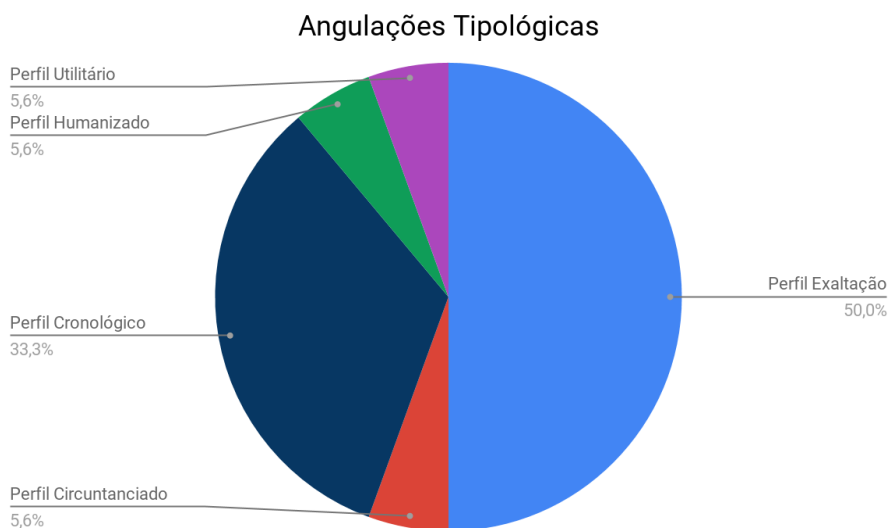
SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
FIAM-FAAM / Anhembi Morumbi – São Paulo – Novembro de 2018

Edição nº 135 - 12 de dezembro de 2017/ 13 e 14/ 64 páginas	Os tanoeiros/ Décio Galina	Eugenio Mesacaza/ Miguel Arcangelo Mesacaza, Mauro Mesacaza	Perfil exaltação	“polegar direito está encapado por um curativo roto, o esquerdo é deformado [...] Os outros dedos, grossos e sujos de tinta e poeira”, único tanoeiro brasileiro, autodidata, preocupado, sorriso maroto
Edição nº 135 - 12 de dezembro de 2017/ 14/ 64 páginas	O lutador cordial/ Luiza Miguez	Vitor Miranda/ Pedro Rizzo, colegas,	Perfil exaltação	Agitado, semblante sério, cabeça careca e pele muito branca, melhor lutador, desmotivado, atleta grande e corpulento, coisa rara, lutador de sucesso, exausto
Edição nº 135 - 12 de dezembro de 2017/ 26, 27, 28, 29,30 e 31/ 64 páginas	Os mais oprimidos de todos/ Larissa Macfarquhar	Aaron Pitkin / Jen	Perfil cronológico e Perfil ironia	Postura desapaixonada, competente, sujeito pragmático, pessoa horrível, cabelo comprido, e despenteado, esquisito, sujeitinho reservado, arrogante e mal-educado, sedutor, abismado, forte, apavorado, furioso, feliz, apaixonado, encantado, velho e autocomplacente

Fonte: elaboração própria.

O resultado, com a porcentagem das angulações dos *perfis* publicados pela revista, encontra-se na sequência.

Figura 1:



Fonte: elaboração própria

Dos 18 *perfis* analisados, notou-se que apenas 1 ocupa espaço superior a 2 páginas. Isso significa que, por mais que o perfil seja um formato emergente e com usos exponenciais, o espaço dedicado a essas narrativas ainda é reduzido. Sobre a terminologia espaço, buscamos verificar o número de páginas dedicadas ao formato, e não a sua regularidade. Pois, constatou-se que os *perfis* aparecem em todas as edições analisadas.

Uma das etapas essenciais à produção de qualquer material jornalístico é a apuração. No caso dos *perfis*, ela se ancora principalmente nos testemunhos dos sujeitos envolvidos com a história. Desse modo, os *perfis* são “narrativas do eu” fundamentadas pelo discurso mas também pela experiência. E em tal reflexão, as experiências individuais ou coletivas, quando traduzidas pelo discurso jornalístico, possibilitam novas experiências de fatos passados.

Ainda no campo da apuração, todos os *perfis* se sustentaram apenas com uma fonte (além do personagem perfilado). Vale lembrar que, nos *perfis*, pode haver muitos personagens que cruzam a história do personagem principal, entretanto, a metodologia utilizada considerou apenas o personagem central e as fontes consultadas pelos jornalistas para narrar. Por se tratar de um formato que se preocupa mais com a perspectiva humana, com as histórias de vida dos sujeitos e com os diferentes comportamentos interpessoais, para a produção dos *perfis* não há necessidade de se consultar inúmeras fontes. Eles se legitimam por serem frutos de relatos orais. Se fazem valer por seus lugares de enunciação. Isso também não significa que determinados fatos não possam e não devam ser checados, mas que a verdade mais solene não é a factual. Conforme argumentado por Arfuch (2008),

o que está em jogo, então, não é uma política da suspeita sobre a veracidade ou a autenticidade dessa voz, mas antes a aceitação do descentramento constitutivo do sujeito enunciador, mesmo sob a marca de “testemunha” do eu, sua ancoragem sempre será provisória, sua qualidade de ser falado e falar, simultaneamente, em outras vozes [...] (p. 128)

Ainda, em relação aos personagens, notou-se que ambas as revistas buscam abordar histórias de sujeitos anônimos. Há *perfis* de pessoas célebres e que ocupam a arena pública, como “Phyllanthus Carmenluciae (*piauí* - julho de 2017)”, “O operário

(*piauí* - outubro de 2017)” e “O patriota (*piauí* - outubro de 2017)”. Todavia, a maior parte dos *perfis* é composta por personagens anônimos. Essa característica está alinhada a linha editorial da publicação. Há um grande interesse por relatar histórias de pessoas comuns e os *perfis* aparecem como um bom receptáculo para a acomodação dessas histórias. Sujeitos que inicialmente podem ser desconhecidos, ganham notoriedade por intermédio dos textos. A afirmação de que “cada um tem, no entanto, algo a comunicar de si mesmo” (ARFUCH, 2008, p. 130) se comprova. Sobretudo após a observação dos vários personagens retratados.

A *piauí* busca contar histórias de pessoas que vivem em um lugar de visibilidade restrito. E isso em muito se reflete no tratamento que é dado aos personagens. Nesse sentido, ao discorrer sobre o cuidado com os sujeitos, Dalla Rosa (2010) afirma que “a dignidade humana passa pela acolhida e pela responsabilidade para com a vida do outro. A vitalidade da vida humana se fortalece à medida que se abre hospitaleiramente ao rosto do outro, no qual ecoa a alteridade da vida como um todo” (p. 201). Percebe-se, então, após analisar os personagens, que o objeto/sujeito de pesquisa promove um convite para o conhecimento das dores e das alegrias alheias.

No caso da escolha por elencar elementos estruturantes da língua, como os adjetivos e as locuções adjetivas, muito se deu pelo entendimento de que ela não é opaca. Nessa visada, a língua é vista como um conjunto de sinais utilizados para tensionar aspectos da sociedade. Há significâncias apreendidas no seio da língua. É o caso dessas marcas linguísticas que destacam o modo de escrita dos jornalistas (*perfis* mais ou menos adjetivados) e caracterizam os perfilados. É por intermédio dos adjetivos que o universo do perfilado singulariza-se. Conseguimos notar, por exemplo, uma escrita autoral mais evidente nessas produções.

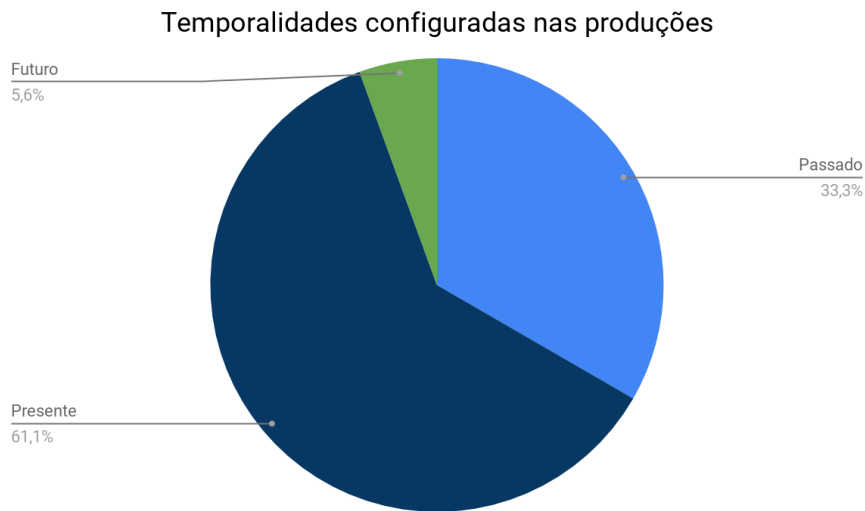
Um dos motivos que justifica a utilização dessas marcas no presente trabalho é a possibilidade delas atuarem como termômetros da realidade; são indicadores dos diferentes modos de se construir um *perfil*. Com o intuito de pensar as angulações tipológicas expressas em cada publicação, utilizamos dessas marcas como um critério para mapear a produção das revistas. O exercício de voltar-se para o objeto em função de seus pormenores identifica a natureza desta pesquisa e, mais ainda, estimula a uma

análise pragmatista do material, ou seja, é imprescindível que se observe as ocorrências cotidianas do objeto analisado.

Notamos que, embora a revista *piauí* seja percebida como uma publicação que escapa aos ditames do chamado jornalismo de referência, entendendo esse tipo de jornalismo “como aquele que serve interna e externamente de referência – tanto para a elite formadora de opinião, como para os meios de comunicação – sobre uma parcela do mundo público, qual seja, o país ao qual se dirige” (ZAMIN, 2014, p. 939), ela ainda publica *perfis* cujo foco é a exaltação dos sujeitos como podemos verificar na Tabela 1. Importante ressaltar que para a definição de qual angulação tipológica foi a central da narrativa, utilizamos a noção de hegemonia, identificando qual a perspectiva preponderante.

A categoria referente às temporalidades nos diz que de uma forma geral, os *perfis* presentes no corpus são construídos com base nos tempos passado (6 ocorrências) e presente (11 ocorrências) conforme expostos na figura em sequência. Alguns, que possuem um grau maior de experimentação, narram a partir das expectativas do porvir, como é o caso de “Cinco malas e um desejo: dar à luz em Miami (*piauí* - novembro de 2017)”. Vale frisar que a utilização da noção de hegemonia, que diz que uma perspectiva possui maior incidência que outra, também foi importante na elaboração das tabelas específicas de temporalidade. Dentre os motivos que levam a sua utilização, destaca-se o entendimento que os *perfis* podem caminhar livremente entre as temporalidades, porém há sempre a preponderância de uma delas no texto, reforçando o aspecto do recorte temporal do presente como epicentro das produções.

Figura 2



Fonte: elaboração própria.

Ao tratar da experiência do passado, o jornalismo dispõe de maior fluidez, porque pode mesclar os tempos passado, presente e futuro. A relação entre esses três tempos implica na discussão sobre temporalidade. Segundo Arfuch (2008), “a temporalidade mediada pela trama se constitui, desse modo, tanto em condição de possibilidade do relato quanto em eixo modalizador da própria experiência” (p. 116).

Sobre os percursos que levam ao produto final, destaca-se a entrevista, um “meio inestimável para o conhecimento das pessoas, personalidades e histórias de vidas ilustres e comuns” (ARFUCH, 2008, p. 151). No caso das entrevistas para revista, elas são um formato que reúne linguagem e estilos e, a depender do modo como elas ocorrem e do tipo de entrevistador, alteram exponencialmente o resultado. Para além desta percepção, quando elas aparecem direta ou indiretamente no texto, reforçam o pacto de transparência com o leitor. Estimulam o olhar criterioso sobre a história de vida daquele perfilado, pois mostra a incompletude do ser humano, demonstra que os *perfis* por mais completos ou bem escritos que sejam, são incapazes de traduzir toda a atmosfera daquela pessoa. Há muito mais para se conhecer sobre o outro.

4. Considerações finais

Se os espaços de reverberação do real acionados pelas práticas jornalísticas passam por análises e reflexões é porque “o jornalismo e seus modos de fazer e narrar são instâncias que mobilizam tanto a produção de significado, ou seja, a circulação de informação, como outras dimensões de sentido”. (LEAL, 2011, p. 106). Se há um centramento nas figuras do “eu” na atualidade, é preciso refletir sobre os processos de significação que essas histórias engendram a partir do modo como elas são articuladas e afetam os modos de percepção do real.

Ousamos dizer que a escrita de um perfil pode romper com estereótipos historicamente apresentados pelo poder constituído ao inscrever a pluralidade identitária em sua produção. Entretanto as narrativas encontradas na revista *piauí*, embora expressem um tipo de escrita menos convencional, ainda aciona elementos considerados canônicos no processo de produção jornalística como a linearidade cronológica.

Por outro lado, foi possível visualizar, nos *perfis* analisados, o processo de transparência na escrita dos narradores-jornalistas. Esse procedimento mantém uma relação direta com mecanismos de democratização da comunicação na medida em que os receptores têm acesso às dificuldades enfrentadas pelos jornalistas na escrita das matérias veiculadas, bem como podem ter acesso às rotinas produtivas de maneira mais verticalizada.

A reflexão sobre as angulações tipológicas na produção de *perfis* no veículo analisado exige, portanto, que se observe o objeto de pesquisa de maneira aprofundada, visto que não se trata do exercício de nomear os *perfis* em tipologias meramente classificatórias. É preciso ir além. Conhecer e reconhecer as estruturas/signos presentes nos *perfis* como fruto direto do processo de apuração jornalística. E essa, por sua vez, envolve dinâmicas editoriais, processos de edição e relacionamentos com as fontes. É preciso reconhecer que, o percurso feito pelo jornalista aparecerá de alguma forma refletido no produto e determinará, inclusive, o modo como cada história será configurada narrativamente.

Referências

ANTUNES, Elton. Acontecimento, temporalidade e a construção do sentido de atualidade no discurso jornalístico. Salvador: **Contemporânea**, vol. 6, nº 1. Jun. 2008.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea** / Leonor Arfuch; tradução, Paloma Vidal – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BRAGA, JOSÉ Luiz. A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **E-Compós**, Brasília, vol 14, n. 1, jan-abr 2011. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/665/503>. Acesso> 20 Ago. 2017.

CHANG, Julio Villanueva. “O crítico de pessoas”. **O Globo**. Rio de Janeiro, Prosa on line, 3 jul 2010.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d’aquém e d’além mar: Travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus, 2008.

DALLA ROSA, Luís Carlos. Educar para a sabedoria do amor: a epifania do rosto do outro como uma pedagogia do êxodo / Luís Carlos Dalla Rosa ; orientador Rudolf Von Sinner. Tese, São Leopoldo : EST/PPG, 2010.

LEAL, Bruno Souza. As estéticas do jornalismo em transformação: perspectivas da pesquisa em comunicação. In: ALBUQUERQUE, Afonso; BERGER, Christa; KÜNSCH, Dimas; SILVA, Gislene (Orgs.). **Jornalismo Contemporâneo – figurações, impasses e perspectivas** Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2011. p. 103-118.

LEAL, B. S. **O jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos**. In LEAL, Bruno S. e CARVALHO, Carlos A. (orgs). **Narrativas e poéticas midiáticas: Estudos e perspectivas**, São Paulo: Intermeios, 2013

MAIA, Marta R. *Perfil: a composição textual do sujeito*. In: Tavares, Frederico de Mello B.; Schwaab, Reges. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 177-188

_____. “Os diversos *Brasileiros* em Revista”. In **Revista Eco-Pós**, 2010, v. 13, n. 3, p. 213-229.

MAIA, Marta R., LELO, Thales V. Subjetividades em cena no jornalismo biográfico de José Castello. **Revista Mediação**, Belo Horizonte, v.15, nº 16, jan./jun. de 2013.

MARQUES DE MELO, José. Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro. In MARQUES DE MELO, José e ASSIS, Francisco (orgs). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. São Paulo, Editora WMF/Martins Fontes, vol. 1, 2010.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

ZAMIN, Angela. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 918-942, set.-dez. 2014. Acesso em 20 jun 2018. Disponível em: file:///C:/Users/Prof/Downloads/16716-79446-1-PB.pdf.